

**JORGE ALVES BARBOSA**



**A REGISTAÇÃO  
DO ÓRGÃO LITÚRGICO**

1992

## A REGISTAÇÃO DO ÓRGÃO LITÚRGICO

por Jorge Alves Barbosa

*"Em primeiro lugar, é preciso dar-se conta de que os órgãos foram feitos para servir na igreja que é a casa de Deus e onde particularmente Ele está presente; por isso mesmo, ao órgão se deve estar com aquela compostura que convém a um lugar sagrado. Por outro lado, diz a escritura que "domum Dei decet sanctitudo", e, por isso mesmo, dela deve ser banido todo e qualquer estrépido ou ruído que possa prejudicar os ofícios divinos. Por isso (...) é preciso censurar todos aqueles que, a propósito e fora de propósito, se põem a papaguear utilizando o órgão como se tivessem grilos nos dedos ou então movendo os registos do órgão com tais modos que fazem mais barulho que um tear (...) Assim, é importante que, antes de começar a tocar, o organista previdente procure conhecer o instrumento que tem diante, quer quanto a tipo de teclado quer sobretudo a registos que não são os mesmos em toda a parte".*

Eis, resumidamente, um conjunto de sábias indicações que Costanzo Antegnati apresenta, de uma forma bem humorada, na sua *Arte Organica*, editada em 1608 e que afinal não apenas se afiguram de actualidade, mas que podem constituir o ponto de partida para uma abordagem da arte da registação para **acompanhamento do canto**, objectivo deste apontamento. Efectivamente, ainda hoje, "os elementos fundamentais para uma verdadeira acção litúrgica são, por um lado, o facto de a oração prevalecer sobre o canto e por outro o facto de que o canto deve prevalecer sobre a música ou o som"<sup>1</sup>. As qualidades do organista acompanhador serão nomeadamente "a sobriedade e a competência" pelo que deve ter o cuidado de preparar-se por meio de um conhecimento o melhor possível do instrumento que executa, consciente do ministério que desempenha.

Por uma questão de pragmatismo, vamos situar-nos perante os órgãos que hoje temos na maior parte das nossas igrejas - mesmo os electrónicos com alguma qualidade - e na perspectiva do acompanhador dos cânticos litúrgicos em iniciação. A registação do órgão para um repertório solístico ou de concerto, mesmo que tendo estas indicações como base, é uma verdadeira arte cuja orientação exige, para que entendam, um conhecimento de cada

---

<sup>1</sup> Cfr. N. VITTONI, *Idee e fatti di musica postconciliare*, Ed. PIMS, Roma, 1972, p. 110.

registo em particular, um conhecimentos das diversas e inúmeras possibilidades de combinação dos diferentes registos, um conhecimento das particularidades estilísticas de cada época, escola organística, obra, etc, etc, Para isso existem tratados e cursos especializados<sup>2</sup>. Deixemo-lo aqui portanto e vamos colocar-nos simplesmente na perspetiva do organista acompanhador da liturgia.

## I - TECLADOS

Encontramo-nos diante da consola de um órgão<sup>3</sup>. Trata-se de um órgão cujas possibilidades excedem em muito o simples uso em acompanhamento, pelo que deve ser utilizado com muita sabedoria e sobretudo sobriedade. Se temos dois teclados eles são: o Grande Órgão ou Manual I em baixo e o Positivo ou Manual II acima<sup>4</sup>. Estes dois teclados correspondem-se na sua sonoridade sendo mais volumosa ou potente a do Manual I. Esta possibilidade de contrastes vai poder ser usada para a diferença entre acompanhar um solista ou um pequeno grupo de cantores e acompanhar uma Assembleia inteira cantando um cântico conhecido. Possui também uma Pedaleira, teclado para os pés, cujo uso reservamos a quem

---

<sup>2</sup> Se o leitor é organista diplomado não encontrará aqui nada de especial. Como apontamento bibliográfico tivemos presente e referimos, para quem pretenda aprofundar: os clássicos C. ANTEGNATI, *Arte Organica*, Brescia, 1608 transcrito em algumas edições modernas; G. DIRUTA, *Il Transilvano*, Veneza, 1597; mais recentemente C. LOCHER, *Manuale dell 'Organista*, Milano, 1987 (reimp.) espécie de dicionário onde se estudam os registos um por um; SANDRO DALLA LIBBERA, *L' Organo*, Milano, 1988 que apresenta a registação com exemplos da literatura. Uma obra quase monumental sobre o assunto saiu recentemente: GIUSEPPE RADOLE, *Le Registrazione Organistiche nelle culture Europee*, Ed Pizzicato, Udine, 2001 que estuda as diferentes escolas organísticas e resume muitos dos "tratados" de registação conhecidos anteriormente. Refere inclusivamente o Órgão em Portugal...; RAFFAELE MANARI, *Arte della Registrazione*, Ed. Carrara, Bergamo, 1996 (trata-se dos apontamentos realizados pelo autor para o curso no PIMS em 1932, agora editados pelo organista Arturo Sachetti). Encontramos algumas indicações e bibliografia em M. VALENÇA, *O Órgão na História e na Arte*, Braga, 1987. A NRMS já por diversas vezes abordou a problemática organística, com objectivos e perspectivas diferentes. Veja-se: M. VALENÇA, "A arte de acompanhar ao Órgão", II, nº 7; M. FARIA, "O órgão na celebração litúrgica" II, nº 16 e M.DE CARVALHO, "Como registar o órgão", II, nº 62.

<sup>3</sup> Um grande órgão de tubos ou um modelo equivalente: Prestige I, Grande Opera, Toccata, Opera, Recitativ, Jubilaeum, Allen, Rodgers, e até modelos mais pequenos como Domus, Classic 4500 ou 3500. A base é praticamente a mesma e a nomenclatura também.

<sup>4</sup> O caso dos órgãos com três teclados complica um pouco as coisas porque o Grande Órgão, sempre assinalado como Manual I na literatura e nestes apontamentos, está realmente em segundo lugar; o Manual III é o Recitativo ou também Órgão de Eco ou Expressivo conforme os casos e cujo uso se limita ao repertório solístico.

tenha estudado a sua técnica nunca devendo servir para trabalhar como um "baixo" de música ligeira ou para embrulhar alguma imperícia nos Manuais... Poderá usar-se entretanto para apoiar por exemplo um acorde final registando com Subass 16 e unindo a pedaleira ao Manual I.

## II – PEDAIS

Encontramos três pedais que nos exigem, desde já, uma atenção. O pedal da esquerda, "Crescendo", **nunca deve ser usado** pois exige grande perícia e reserva-se à execução de repertório romântico; portanto deixá-lo colocado totalmente para cima e esquecê-lo! Quanto aos outros pedais, chamados pedais "expressivos" a primeira coisa a fazer é colocá-los em posição "a fundo" e, no acompanhamento, nunca mais lhes tocar, nem muito menos cair no horrível acto de os usar para tocar "forte" e "pianinho" ou em "crescendos expressivos" que estão fora de qualquer estilo de acompanhamento. O do Manual I poderia nem existir, o do Manual II usa-se repertório muito especial. O resto faz-se com os registos como veremos. É evidente que alguns órgãos têm demasiado volume para o espaço em que se encontram. Nesse caso deve equilibrar-se a sonoridade máxima com o interruptor de volume e *de uma vez por todas*. De qualquer modo, nunca com o pedal expressivo.

## III - PEDALETES

E já que estamos com "o que se não deve usar", há um conjunto de pistões ou pedaletes que pouco nos servem também, portanto não dá para assustar com tanta coisa... os do lado direito introduzem "combinações fixas" orientadas para o "forte", como o caso do "Plenum" que liga todos os registos do Principal ou então outro ("Reeds") que desliga todos os registos que estavam e deixa só palhetas... o Tutti liga todos os registos do órgão, com excepção dos oscilantes. Os pedaletes do lado direito também se reservam à utilização dos organistas no repertório mais moderno pois são a duplicação dos botões que estão por debaixo do Manual II, à esquerda; correspondem às chamadas "combinações ajustáveis" ou memórias e aos botões de Acoplamento (Koppel) que ligam os registos de um teclado a outro.

#### **IV - REGISTOS DE USO RESTRITO OU A EVITAR**

Entramos na parte mais complicada, e que vamos procurar tornar simples também. Começamos ainda aqui pelo que se não deve usar... Normalmente encontramos à nossa direita os registos do Manual II e à esquerda os do Pedal e do Manual I.

**1. PALHETAS:** são os registos cujos puxadores ou plaquetas, conforme os casos, nos órgãos modernos e nos electrónicos apresentam os nomes escritos a vermelho e aparecem na parte superior. Correspondem a instrumentos de palheta como Oboé, Cromorne, Fagote, ou mesmo o Trompete e outros que no órgão de tubos também são de palheta. Estes não se devem usar senão como registos solistas pelo que escapam normalmente a uma utilização de acompanhamento. Logo voltaremos a eles.

**2. MUTAÇÕES:** são os registos que aparecem a seguir e cuja designação apresenta um nome seguido de um número inteiro e de uma fracção: Nazard ou Quinte 2 2/3' ou Terza 1 3/5' etc. São registos que fazem com que a nota que se ouve não corresponda à tecla que tocamos, mas à sua quinta (Nazard ou Quinte) ou terceira (Terza) de outra oitava conforme o registo: por exemplo, se tocamos Dó, sai Sol (Quinta)... ou Mi (Terceira)... O seu emprego reserva-se a combinações que terão de ser muito bem cuidadas. Portanto, para já, nada de registos com fracções...

**3. MISTURAS OU MUTAÇÕES COMPOSTAS:** são aqueles registos que ao nome acrescentam um número seguido de "f": por exemplo Cornet, 3f, Mixture 4f, Zímbel ou Címbala 3f, etc. Como o nome indica, trata-se de registos em que a uma tecla não corresponde uma nota, mas várias, tantas quantas indicadas pelo f, ou seja, num órgão de tubos teria 3, 4, ou 5 ou mais filas (file ou fach) de tubos para cada tecla soando ao mesmo tempo, correspondendo normalmente aos sons agudos da série dos harmónicos, o que enriquece o timbre. Assim, accionando uma tecla, soam tantas notas quantas forem assinaladas como filas. É interessante que se encontra aqui o segredo da sonoridade típica do órgão. Precisam sempre dos registos de base de que são complemento e usados sem um cuidado especial soam desafinado. Em tempos dei indicações a determinado pároco para a compra de um órgão; pouco depois chegou-me aos ouvidos que o povo dizia que eu tinha

enganado o pároco pois o órgão não prestava e que tinham malgasto o seu rico dinheirinho. Para defender a minha honestidade disse ao pároco que iria lá acompanhar o coro, nesse órgão horrível, no domingo seguinte. E fui. As pessoas nem queriam acreditar que não tínhamos trocado o órgão. Tínhamos era trocado de organista e de registação... Nem imaginam o que por vezes se encontra por aí. E quanta mais ignorância, mais presunção... Mas isso não é para aqui...

**4. REGISTOS OSCILANTES:** estes têm um som muito bonito e aliciante, mas vedado ao acompanhamento, apesar de em tempos de refinado mau gosto terem sido utilizados. São as "Vozes celestes" a "Flauta harmónica", "Voz humana", "Unda maris", etc.

**5. REGISTOS DE VIOLAS:** trata-se de registos que pretendem reproduzir os instrumentos de corda, nomeadamente os mais graves como "Viola da Gamba" ou simplesmente "Gamba", a "Dulciana" e o "Salicional" (uma Gamba mais doce..). Normalmente usam-se com os anteriores, violejantes, e por isso fora do âmbito de acompanhamento.

E depois disto tudo o que nos resta? Ainda muita coisa que podemos usar, e, para consolação daqueles que têm na sua paróquia um órgão mais pequenino e que não tinha quase nada daquilo que falei antes, temos o mais importante e essencial. São os registos chamados "Fundos" que constituem duas grandes famílias: Principal e Flautas.

#### **V - REGISTOS DE BASE OU FUNDOS:**

A diferença mais importante entre estas famílias é que o som da família Principal é mais aberto, mais claro, ao passo que a família Flautas é mais envergonhada, com um som mais escuro, mais velado. No órgão de tubos a família Principal aparece na fachada, em tubos brilhantes de metal e proporcionalmente mais elegantes, ao passo que a família das Flautas esconde lá para trás os grandes tubos de madeira, tapados, e portanto (deixamos a explicação do "portanto"...) mais curtos e alguns tubos um pouco mais gordos... Uns como outros se encontram presentes tanto para o Manual I, à nossa esquerda como para o Manual II à nossa direita permitindo efeitos de contraste numa sonoridade equivalente.

## **1. FAMÍLIA PRINCIPAL**

Os registos da família Principal (aliados às Flautas) constituem a base de qualquer registação pelo que são utilizados desde o mais simples acompanhamento à mais complicada combinação para uma grande obra de concerto. A base, chamemos-lhe o pai de família, é o Principal 8'. Para sermos claros, é um registo que nos dá as notas correspondentes ao registo médio da voz humana, de um piano ou de outro instrumento. Assim o Dó central num Principal 8' é o Dó central num piano, etc. O número 8' (e fica tudo explicado quanto a números) significa que o comprimento do tubo maior, correspondente à nota mais grave desse registo, é de oito pés ou seja 8x30,48 cm.

Este é o primeiro registo a ligar e com ele já poderemos tocar, se temos um pequenino grupo de cantoras. Só? Bom, como se trata de cantoras o melhor é juntar um outro um pouco mais agudo: o Principal 4' (ou Oktave) que soa uma oitava acima. Assim, com o registo Principal 8' + Oktave 4' ligados, ao premir a tecla correspondente ao Dó central soa esse dó mais a sua oitava; se premimos o Dó central e a oitava já soam três "dós", e por aí fora. Mas imagine que premimos o acorde... pois soam dois acordes... e se premimos quatro notas como num "coral" já soam oito, só com dois registos.

Mas entretanto o cântico já é conhecido e há mais pessoas que se associam ao coro a cantar. Então poderemos acrescentar um pouco mais. Seria o Principal 2' designado por Superoctave ou Superoitava para falarmos português. E nem preciso de explicar porque se chama assim. Vão fazendo esta experiência e as contas de quantos sons aparecem agora ao premir uma tecla ou um acorde... Deixamos para trás o avô da família que é o Principal de 16' que não é boa companhia para as vozes nem para as mãos. Deixamos o seu uso aos pés...

Ao utilizarmos com o nosso grupo de cantoras ou com o nosso coro, para um refrão ou um cântico conhecido, a registação assinalada, temos de ter em conta a família Principal pode dar uma sonoridade demasiado clara, pelo que pediremos ajuda à família das Flautas.

## **2. FAMÍLIA DAS FLAUTAS:**

Ao lado dos registos do Principal encontramos a família das Flautas, estruturada da mesma forma quanto a alturas. A diferença é que assume nomes diferentes conforme os órgãos e

escolas, etc. Mas no essencial é o seguinte: A base é uma Flauta de 8' que se apresenta como Gedackt 8'(ou Bourdon 8'). Trata-se de um registo de sonoridade mais escura, soando como "som de fundo" (Bordão) e nos órgãos de tubos é um tubo tapado (alemão = Gedackt) e de madeira; dentro da mesma família e com a relação igual à que víamos no Principal, temos a seguir a Flauta 4' (que pode chamar-se também Rohrflöte, Flauta de chaminé) e depois a Flauta 2' por vezes com a designação Waldflöte. A Flauta transversa 8' serve para outras combinações e como solista.

Uma combinação da família das Flautas com as características que apontámos acima para o Principal, e no Manual II, poderá servir para acompanhar um coro, dobrando as vozes, numa passagem mais suave retornando-se ao Manual I quando se acompanha uma Assembleia. Outrotanto se diga quando acompanhamos um solista por exemplo para um Salmo responsorial. No entanto não é descabido utilizar, para acompanhar o coro, uma combinação da família do Principal. Porém, misturar muito as duas famílias é que não era pelo menos do agrado dos organistas e tratadistas antigos... Veremos adiante.

## **VI - COMO REGISTRAR PARA ACOMPANHAMENTO:**

Até aqui, procurámos situar-nos na posição do organista que tem que acompanhar, perante um órgão um tanto complexo, mas não complicado se nos limitarmos ao essencial. Vimos registos que não serão de usar em acompanhamento, vimos os que poderemos utilizar e aprendemos a conhecer um pouco das suas características<sup>5</sup>. Agora, perante uma partitura, e tendo de acompanhar, como fazer? Alguns exemplos práticos:

### **1. Um Cântico de Entrada ou de Comunhão:**

*Refrão:* Manual I: Principal 8' + Oktave 4' + Superoktave 2

---

<sup>5</sup>Por uma questão de pragmatismo, seria caso de memorizar algumas destas registações nas chamadas "memórias" ou, para usarmos a nomenclatura oficial, "combinações ajustáveis". Podemos efectivamente memorizar através delas qualquer registação escolhida por nós, sendo de aconselhar, neste momento, a utilização das combinações gerais (à esquerda debaixo do Manual II, ou Manual III no caso de três manuais) e também nos pedaletes da esquerda. Chamam-se ajustáveis porque podemos alterar qualquer uma delas durante uma execução e depois voltar à mesma combinação inicial premindo apenas o respectivo botão ou pedalete. Isto era para as distinguir das chamadas combinações "livres" que, alteradas não se podiam retomar, ou das "fixas" que não são alteráveis, por pertencerem à própria construção do órgão. As ajustáveis tem uma utilidade quase inimaginável...

*Versículos*: Manual II: Gedackt 8' + Flöte 4' (se cantam a uníssonos) ou Principal 8' se cantam polifonicamente).

Se entretanto o cântico é já muito conhecido e vemos que a Assembleia o acompanha, poderemos acrescentar ao Manual I uma Mixture 4f e um Gedackt 8. Ou poderemos ainda unir o Manual II ao I.

N.B. Sabemos que muitas vezes, nos Cânticos de Comunhão, é conveniente cantar uma vez o Refrão pelo Coro e depois repeti-lo para que a Assembleia o assuma e, até o aprenda. Nesse caso seria de usar uma registação mais leve na primeira vez (Principal 8' + Oktave 4') e só na segunda vez introduzir a Superoctave 2'. O importante é que a própria Assembleia, como o coro, vejam a diferença; ou seja, o Órgão pode ser também um bom condutor de Assembleia, e que o digam os organistas que têm de fazer tudo...

## **2. Salmo Responsorial:**

Poderemos introduzir o Salmo com uma registação clara:

- a) *Enquanto o salmista vai para o ambão*: Manual I: Principal 8' + Oktave 4' + Superoctave 2'
- b) *Quando ele canta o Refrão*: Manual II: Gedackt 8 + Flauta 4
- c) *Quando todos repetem*: voltamos ao Manual I
- d) *Nos versículos*: Gedackt 8 (tiramos a Flauta 4; contudo se a voz solista é feminina ou então sempre que haja problemas de afinação acrescentamos uma Flauta 4').

## **3. Aleluia:**

Em princípio serviria uma registação parecida com a anterior. No entanto poderá ser um pouco mais rica, uma vez que o "Aleluia" implica uma certa mudança de ambiente: o levantar-se de Ministros e Assembleia, o tom solene do cântico, a preparação do incenso em celebrações mais solenes. Daí que poderemos fazer:

- a) *Introdução*: Manual I: Principal 8' + Oktave 4' + Superoctave 2' Mixture 4f. + União do I-II.
- b) *Entoação do Alleluia sem acompanhamento*

- c) *Canto pela Assembleia*: Manual I (podemos tirar a Mixture se a Assembleia não for grande)
- d) *Versículo*: Manual II: Gedackt 8.
- e) *Repetição do Aleluia*: Manual I

#### 4. Casos especiais:

**a) Introduções:** No caso de não estar escrita a Introdução, por exemplo de um simples "Kyrie", convém notar o seguinte: a Introdução deve desde logo apresentar claramente o carácter do cântico que se segue. Se é um cântico lento e em "piano" atacamos com o andamento respectivo e apenas com um Principal 8' no Manual II, tocando uma frase coerentemente, ou seja algo que tenha princípio, meio e fim, não demasiado longa, mas também sem deixar ideias a meio. Outros casos requererão tratamento particular: uma Introdução elaborada polifonicamente pode requerer uma registação brilhante seguida de um acompanhamento mais discreto, por exemplo Introdução no Manual II com Flauta 8'+ 4' + 2' e acompanhamento no Manual I com Principal 8'.

Evite-se de qualquer forma a prática de dar a Introdução como quem dá um recado, a correr e atabalhoadamente; o andamento, sublinho, deve ser o mesmo que se vai seguir, para que toda a gente se entenda desde o princípio<sup>6</sup>.

**b) Interlúdios:** Tudo depende do carácter dos interlúdios que alguns cânticos, mesmo simples apresentam ou permitem. Se estamos a acompanhar um coro num cântico que apresenta um pequeno interlúdio de estilo "solístico" podemos registar o Manual I (Principal 8') para acompanhamento e registamos o Manual II (Flauta 8' + Flauta 2' ou Gedackt 8' + Oboé). No momento do "interlúdio" tocamos o solo no Manual II e o acompanhamento no Manual I.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Poderemos ver este tipo de introdução em cânticos da NRMS II, 7, p. 6 e 8; 9, p. 8 e 19, p. 5. Este último tem a particularidade de apresentar o tema introdutório de novo no interior. Pode-se nesse lugar introduzir a registação da introdução, que seria de preferência com Flauta 8'+Flauta 2', e a mão direita no Manual II.

<sup>7</sup>São raros os cânticos que apresentam interlúdios pelo que normalmente terão que ser improvisados requerendo então maior perícia. Citaria entretanto o caso do Canto Eucarístico ("Sempre que comemos o Pão") de Ferreira dos Santos que confia o original a uma Flauta de bisel ou outro instrumento solista e se pode bem fazer do modo que explicámos.

Se, pelo contrário, o "interlúdio" é de carácter polifónico, acompanhamos o coro no Manual II (Gedackt 8') registando o Manual I com Principal 8' + Oktave 4' + Superoctave 2'. No "interlúdio" passamos a tocar no Manual I. Isto um exemplo apenas.

**c) Estilos de acompanhamento:** Muito do que dissemos acima a respeito do acompanhamento parte do princípio de que estamos em presença de cânticos em que o acompanhamento escrito dobra pelo menos a voz superior, que é o caso da maioria dos cânticos da NRMS. Alguns, no entanto, apresentam um acompanhamento mais elaborado e independente no estilo dos "Lieder". Nesse caso o acompanhamento pode aparecer um pouco mais saliente pelo que poderemos acrescentar um registo mais agudo<sup>8</sup>.

**d) Mais alguns dados práticos:** O carácter do cântico define muitas vezes o tipo de acompanhamento e portanto da respectiva registação. De modo geral, e de acordo com as indicações dadas pelos tratadistas antigos sobre acompanhamentos e execução de peças, poderemos encontrar dois tipos principais:

\* *Os cânticos de tom alegre e vivo* devem utilizar preferentemente registação clara que pode ir até à Superoitava e mesmo ao uso das Mixture; Para além dos cânticos do Próprio, meteríamos aqui os "Gloria" e alguns "Sanctus"<sup>9</sup>

\* Os cânticos de tom grave, meditativo, penitencial, etc, utilizarão preferentemente tonalidades escuras na base do Principal 8' ou mesmo Gedackt 8'. Esta tonalidade corresponde a muitos cânticos de Quaresma e aos "Kyrie" ou Acto penitencial e "Agnus Dei" do Ordinário da Missa<sup>10</sup>.

\* Alguns acompanhamentos de cânticos introduzem-nos num ambiente que anuncia o grande repertório em estilo quase concertante. Aí requer-se um cuidado ainda maior, iniciando já uma certa fantasia sem fugir do carácter sóbrio do acompanhamento litúrgico e exigindo já a capacidade de alterar registações durante a própria execução<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup>A NRMS apresenta variados cânticos que poderemos encarar com este estilo de acompanhamento nomeadamente os de Joaquim Santos. Ver: NRMS, II, 1, p. 18; 5, p. 12; 9, p. 5; 10, p. 7; 23, p. 12 e 44, p. 5.

<sup>9</sup>Apontamos a título de exemplo: NRMS II, 29, p. 8; 35, p. 12; 35, p.19 (este poderia eventualmente incluir o Trompete 8' no Manual I); II, 52, p. 10 que registaríamos com Gedackt 8' e Flautas 4' e 2'.

<sup>10</sup>Veja-se NRMS II, 29, p. 12; 30, p. 18 e 40, p. 10 que registaríamos com Principal 8' + Oktave 4'; NRMS II, 35, p. 5; 45, p. 11 e 70, p. 10 que registaríamos com os fundos de 8'+4'+2' e Mixture ou então II, 35, p. 8 e 36, p. 19, que registaríamos só com Principal 8'

<sup>11</sup>Um exemplo tirado da NRMS II, 60 p. 5.

\*\*\*\*

Este apontamento sobre registação pretendia simplesmente iniciar os organistas paroquiais no conhecimento e domínio das bases da registação, devendo-se reiterar a ideia de que registrar é uma arte que depende das obras a executar e em grande parte dos instrumentos que temos à disposição, mesmo que actualmente esteja bastante estandardizado o sistema. Se a nomenclatura não corresponde à utilizada aqui (por exemplo em alguns órgãos mais antigos, e não falamos de modo nenhum do caso particular dos órgãos históricos ibéricos já abordados nas páginas da NRMS), haverá que procurar junto de alguém entendido os necessários esclarecimentos de correspondência de registos.

Por uma questão de apoio à melhor compreensão deste ponto, apresentamos de seguida uma tabela de correspondência de registos nas famílias mais importantes da organaria europeia. Poder-se-á, deste modo, ver a relação entre uns e outros e a proximidade dos nossos órgãos modernos à nomenclatura alemã e italiana ao mesmo tempo que a organaria ibérica está muito longe e a francesa está mais próxima de alguns tipos mais antigos de órgão electrónico e de muitos dos nossos velhos harmónios. A nomenclatura é, muitas vezes, intercambiada, pelo que órgãos de uma região adoptam a nomenclatura de outra como acontece particularmente com o órgão inglês que adopta particularmente a nomenclatura italiana e alemã. Os nomes tipicamente ingleses aparecem sobretudo nos órgãos mais antigos.

- 
- *Introdução*: tocar a parte dos Tenores e Baixos no Manual I: Principal 8' + Octave 4' Superoctave 2' + Gedackt 8 + Mixture + Trompete 8'.
  - *Acompanhamento dos T e B*: Manual I com Principal 8' + Octave 4' .
  - *Entrada do Coro*: acrescentar Superoctave 2' + Gedackt 8 ao Manual I.
  - *Parte da Assembleia*: Manual I: Principal 8' + Octave 4' + Superoctave 2' + Mixture.
  - *Versículos*: Manual II: Gedackt 8'

## TABELAS DE CORRESPONDÊNCIA DOS REGISTOS

### 1. Registos do Principal: Fundos e Mutações

| ALEMÃO                | FRANCÊS             | ITALIANO              | INGLÊS               | IBÉRICO                       | ELECTRON.             |
|-----------------------|---------------------|-----------------------|----------------------|-------------------------------|-----------------------|
| Prinzipal 32'         | Montre 32'          | Principale 32'        | -                    | -                             | Contrabass 32'        |
| Prinzipal 16'         | Montre 16'          | Principale 16'        | -                    | Flautado 24                   | Prinzipal 16'         |
| <b>Prinzipal 8'</b>   | <b>Montre 8'</b>    | <b>Principale 8'</b>  | <b>Open Diapason</b> | <b>Flautado 12</b>            | <b>Prinzipal 8'</b>   |
| Gemshorn              | -                   | Corno camoscio        | -                    | Violon                        | Gemshorn              |
| <b>Oktave 4'</b>      | <b>Prestant 4'</b>  | <b>Ottava 4'</b>      | <b>Principal 4'</b>  | <b>Oitava real</b>            | <b>Oktave 4'</b>      |
| Quinte 2 2/3          | -                   | -                     | Twelfth              | Dozena                        | Quinte 2 2/3          |
| <b>Superoctave 2'</b> | <b>Doublette 2'</b> | <b>Superoctava 2'</b> | <b>Fifteenth</b>     | <b>Quinzena</b>               | <b>Superoktave 2'</b> |
| Terz 1 3/5'           | Tierce              | Decimasetima          | -                    | 17 <sup>a</sup>               | Terz 1 3/5'           |
| Quinte 1 1/3          | Larigot             | Decimanona            | Nineteenth           | Dezanovena                    | -                     |
| -                     | -                   | XXII - XXIV           | Two & Twentieth      | 22 <sup>o</sup> : Vintedozena |                       |
| Mixture 4f            | Furniture ff        | Ripieno (XXIX)        | Furniture            | Cheio                         | Mixture 4f            |
| Zimbel 5f             | Cymbale 5f          | Ripienino             | -                    | Simbala                       | Zimbel 5f             |
| Sharff                | -                   | -                     | -                    | Tolosana                      | -                     |
| <i>Voce umana</i>     | -                   | <i>Piffaro</i>        | <i>Vox Humana</i>    | <i>Voz humana</i>             | <i>Voce umana 8'</i>  |

### 2. Registos de Flautas

| ALEMÃO                  | FRANCÊS           | ITALIANO                | INGLÊS                  | IBÉRICO               | ELECTRON.               |
|-------------------------|-------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------|
| Ct.Bourdon 32           | -                 | -                       | -                       | -                     | Ct.Bourdon 32'          |
| C.t Bourdon 16'         | Bourdon 16'       | Bordone 16'             | -                       | -                     | Subbass 16'             |
| Gedackt 16'             | Bourdon 16'       | -                       | Gedeckt                 | -                     | Gedackt 16'             |
| <b>Rohrgedackt 8'</b>   | <b>Bourdon 8'</b> | -                       | <b>Stopped Diapason</b> | <b>Tapado 12</b>      | <b>Gedackt 8'</b>       |
| <b>Hohlfote 8'</b>      | <b>Flute 8'</b>   | <b>Flauto 8'</b>        | <b>Flute</b>            | <b>Flauta</b>         | <b>Hohlfote 8'</b>      |
| Nazard 2 2/3            | Nasard            | Nasardo                 | -                       | Nasardo               | Nazard 2 2/3            |
| <b>Rohrflote 4</b>      | <b>Flute 4'</b>   | <b>Fl. a camino 4</b>   | -                       | <b>Fl. de Chaminé</b> | <b>Rohrflote 4'</b>     |
| <b>Waldflote 2'</b>     | <b>Flute 2</b>    | <b>Fl. silvestre 2'</b> | -                       | <b>Flauta doce 2'</b> | <b>Waldflote 2'</b>     |
| Cornet 3f               | Cornet 3f         | Cornetto                | Cornet                  | -                     | Cornet 3f               |
| Sifflete 1'             | Sifflet 1'        | Piccolo 1'              | -                       | -                     | Sifflet 1'              |
| <i>Flote celeste 8'</i> | -                 | -                       | -                       | -                     | <i>Flote celeste 8'</i> |

### 3. Registos de Palheta

| ALEMÃO         | FRANCÊS      | ITALIANO     | INGLÊS  | IBÉRICO         | ELECTRON.      |
|----------------|--------------|--------------|---------|-----------------|----------------|
| C.Bombarde 32' | -            | -            | -       | -               | C.Bombarde 32' |
| Fagott 16'     | Basson 16'   | Fagotto 16'  | Bassoon | Baixão          | Fagott 16'     |
| Bombard 16'    | Bombarde 16' | Bombarda 16' | -       | Bombarda        | Bombarde 16'   |
| Dulzian        | -            | Dolzaina     | -       | Dulçaina        | -              |
| Regal 16       | -            | -            | Reeds   | -               | Regal 16'      |
| Trompete 8'    | Trompete 8'  | Tromba 8'    | -       | Trb. Real       | Trompete 8'    |
| -              | -            | -            | -       | Trb. de Batalha | -              |
| Klarine 4      | Clairon 4'   | Chiarina 4'  | -       | Clarim          | Klarine 4'     |
| Oboe 8'        | Hautbois 8'  | Oboe 8'      | Oboe    | Oboé (Boé)      | Oboe 8'        |
| Krumhorn       | Cromorne 8'  | Cromorno     | -       | -               | Cromorne 8'    |
| Klarinette     | Clarinette   | Clarinetto   | -       | [Clarinete]     | -              |

### 4. Registos oscilantes e Violas

| ALEMÃO                 | FRANCÊS                | ITALIANO               | INGLÊS | IBÉRICO | ELECTRON.              |
|------------------------|------------------------|------------------------|--------|---------|------------------------|
| Dulciana 8             | Dulciane               | Dulciana 8'            | -      | -       | Dulciana 8'            |
| Salicional 8'          | Salicional             | Salicionale            | -      | -       | Salicional 8'          |
| Gamba 8'               | -                      | Gamba 8'               | -      | -       | Gamba 8'               |
| <i>Voix celeste 8'</i> | <i>Voix céleste 8'</i> | <i>Voce celeste 8'</i> | -      | -       | <i>Voix celeste 8'</i> |

N.B. Esta tabela tem em conta apenas os principais registos habituais em quase todos os tipos de órgão. Convém ter sempre presente que cada instrumento, sobretudo no que respeita aos órgãos de tubos, é uma caso único – muitas vezes identificado por determinado tipo de registo - e o número de registos usados e conhecidos é infinitamente maior que este aqui apresentado. Para melhor compreensão da tabela escrevemos em **negrão** os registos base e em *italico* os oscilantes.